

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: BENEFÍCIOS PARA O LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DE DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR

Anderson Silva Garcês¹

<https://orcid.org/0009-0009-1829-0353>

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-107>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo conhecer as contribuições da disciplina Metodologia Científica para o letramento na formação de discentes no Ensino Superior. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados da Scielo, Google Scholar e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os anos de 2006 a 2019. Na literatura examinada os resultados contribuíram para os estudos na área da Educação, a ciência e a sociedade como um todo, para despertar em todos os interessados sobre o assunto, incluindo desde a comunidade científica, acadêmicos, alunos, professores e pesquisadores da área da educação e demais outras, possam ampliar o seu conhecimento acerca da temática dita em destaque nesta obra.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior. Metodologia Científica. Letramento.

METHODOLOGY OF SCIENTIFIC WORK: BENEFITS FOR LITERACY IN THE TRAINING OF STUDENTS IN HIGHER EDUCATION

ABSTRACT: This article aims to know the contributions of the discipline Scientific Methodology for literacy in the training of students in Higher Education. To this end, a bibliographic review was carried out in the databases of Scielo, Google Scholar and BDTD Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations between the years 2006 to 2018. In the examined literature, the results contributed to studies in the field of Education, science and the society as a whole, to awaken all interested parties on the subject, including from the scientific community, academics, students, teachers and researchers in the area of education and others, may increase their knowledge about the theme highlighted in this constructions.

KEYWORDS: Higher education. Scientific methodology. Lettering.

INTRODUÇÃO

Letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em diversas agências sociais, porque a escrita, na atualidade, faz parte da paisagem cotidiana. Assim, o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em diversas esferas de atividades e não somente nas que

¹ Graduado em Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior da Faculdade de Estudos Superiores do Maranhão (FESCEMP) e aluno do curso de Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). E-mail: andersongarces151@gmail.com. Lattes: 5724895081287390.

fazem parte da rotina escolar.

A metalinguística, de produzir estudos acadêmicos sobre a produção de importância da produção textual para o Ensino Superior é um tema bastante discutido no meio acadêmico. Por se tratar da forma principal de expressão acadêmica, o texto escrito representa técnica que deve ser constantemente lapidada, para que o estudante conquiste uma formação sólida e, por consequência, seja capaz de atingir os seus objetivos profissionais.

Diante disso, o letramento acadêmico deveria cumprir um papel crítico e não paliativo no ensino superior, o que implica combater os discursos de déficit acerca da falta de lógica e de racionalidade nos aprendizes. Necessitamos de uma mudança em uma visão da conquista/fracasso baseada na “habilidade” e na “instrução” a uma que considere o estudo neste nível como uma aprendizagem de novas formas de pensamento e de expressão para os estudantes. (Virginia Zavala, 2010).

A partir das discussões acerca do tema proposto no artigo, buscou-se responder ao problema da pesquisa: Quais os benefícios da disciplina Metodologia Científica no que tange ao letramento acadêmico de discentes no contexto do Ensino Superior? Trazendo como objetivo, buscar compreender os benefícios da disciplina Metodologia Científica para os alunos no Ensino Superior no que concerne ao letramento acadêmico.

Durante a construção desse estudo, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, sendo um instrumento relevante para a concretização das ideias difundidas no decorrer do corpo do trabalho, tendo como base de dados: Scielo, Google Scholar e BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações entre os anos de 2006 a 2019, dos quais foram analisadas 10 teses, 19 dissertações e 30 artigos, pelas quais se enquadravam no foco da pesquisa.

O presente artigo mostra-se relevante, pois contribui para uma discussão teórica acerca da importância da disciplina Metodologia Científica para o letramento acadêmico voltado a alunos no contexto do Ensino Superior, possibilitando-os ampliar seus conhecimentos e assim estar bem preparados para continuarem seus estudos com um olhar crítico e curioso para o ingresso no mercado de trabalho ou para a continuação na vida acadêmica.

Para fins de organização, o artigo dividiu-se em três capítulos, no qual o primeiro destaca a introdução do trabalho, apontando às partes principais da pesquisa de forma sucinta. Em seguida, será abordado no segundo capítulo: A ciência do conhecimento, Relação entre Ciência e Escrita, Concepções de Letramento e Letramento no Meio Acadêmico. Por fim, o terceiro capítulo enfatiza as considerações finais sobre o que foi desenvolvido no decorrer dessa pesquisa, ressaltando aos aspectos conclusivos mais relevantes que contribuíram para a realização deste artigo.

A CIÊNCIA DO CONHECIMENTO

A história da ciência é constituída de múltiplos aspectos alusivos à autoria, assuntos, interpelações, sistematizações, estratégias, interpretações, criação de produtos, entre outros fatores que estimulam uma discussão instigante e que possui uma origem eminentemente ligada a filosofia.

Os filósofos proporcionam importantes elementos para a compreensão do mundo. Em virtude de se fundamentarem em procedimentos racional-especulativos, os ensinamentos dos filósofos têm sido considerados como dos mais válidos para proporcionar o adequado conhecimento do mundo. (Gil, 2008, p. 21).

Este rompimento acontece através de Aristóteles, cientista da filosofia que deixa o lado idealista, e contempla com a observação e a busca de soluções para o mundo real. Desde então a ciência veio mudando crescendo de modos e técnicas, através de outros grandes cientistas, até a atual realidade, um mundo cheio de invenções, explicações e que desperta sempre tantos outros cientistas. Antes no tempo de Aristóteles os filósofos tinham que saber de tudo um pouco, hoje os cientistas (filósofos ou não) costumam envolver-se com assuntos que tenha haver com as inquietações por vezes pessoais, porém sem deixar este requisito influenciar nas formas de pesquisas, ou ao menos é o que se mostra como correto, hoje o que acontece é um saber muito daquilo que escolheu estudar, tornando-se especialistas.

Etimologicamente, a palavra ciência vem do latim Scientia, que significa saber, conhecimento. A ciência é representação dos questionamentos e curiosidades do ser humano, é a capacidade de interrogar ao invés de simplesmente aceitar, ou pelo menos de buscar uma justificativa esquematizada das realidades ao redor, nos diversos

seguimentos, é conjunto de procedimentos relacionados, organizados e não aleatórios que norteia as ações do pesquisador naquilo que almeja estudar, investigar.

É importante salientar que o ensino de ciências não está apenas relacionado a ensinar as teorias, os fatos e os princípios das disciplinas, mas também se refere aos modos de elaboração do conhecimento, das mudanças ocorridas ao longo do tempo e da maneira que estão relacionadas com a sociedade em sua época. Para Rosales, Vergara e Velez (2014, p. 132), essa concepção levará “[...] a uma apropriação crítica do conhecimento e geração de novas condições e mecanismos que promovam a formação de novas atitudes frente à ciência e ao conhecimento científico”.

Embora a ciência seja realizada por especialistas, a sua efetivação é concreta para todos, atualmente influencia, modifica e torna dependente dela justamente nas coisas do dia a dia, de forma positiva como a saúde, alimentação, moradias, e algumas vezes criando coisas difíceis de dizer se boas ou ruins como os aparatos para a guerra, enfim a ciência é concreta e efetiva. É a busca de justificativas de comportamentos e fenômenos de onde vivemos ou do que conhecemos, mas queremos saber mais. O sentido que têm a palavra ciência pode ser percebido da seguinte forma.

Pode-se considerar a ciência como uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada - se possível, com auxílio da linguagem matemática -, leis que regem os fenômenos. Embora sendo as mais variadas, essas leis apresentam vários pontos em comum: são capazes de descrever séries de fenômenos; são comprováveis por meio da observação e da experimentação; são capazes de prever - pelo menos de forma probabilística - acontecimentos futuros. (Gil, 2008, p. 22).

Portanto, a geração de conhecimentos embasados em outros, e em observações faz parte da rotina da ciência, sendo está um rol de conhecimentos acumulados e de intensas modificações, característica está forte nesta sociedade da informação, ela proporciona justamente por isso um ciclo no qual, o que já existe de registro referente a estudos já realizados induz a novas pesquisas sendo um processo quase que infinito, pois sempre haverá várias formas de trabalhar um só tema, sempre haverá modos divergentes de entender um só assunto, o que é interessante que todos são cientificamente testados e defendidos, sempre considerando o que já existe sobre o assunto.

RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E ESCRITA

A pesquisa, ferramenta indispensável na rotina acadêmica, especialmente no ensino público, visa não somente buscar, produzir e divulgar conhecimento, mas também fomentar o próprio ensino/aprendizagem de seus fundamentos e métodos, tornando-se peça chave na construção da autonomia intelectual e da consciência crítica do discente. A pesquisa é, portanto, um princípio científico e educativo, “essencialmente dialógica, sistemática, metodologicamente organizada, implica a socialização de saberes e acontece na linguagem [...], não sendo possível fora dela” (Ferreira, 2009, p. 275).

O ingresso no universo da ciência, que se dá por meio da pesquisa, é um processo lento, especializado e extremamente complexo, que demanda, dentre outras coisas, uma nova forma de relação com a leitura, muito mais analítica e crítica, e uma prática constante de escrita de gêneros textuais próprios ao domínio discursivo acadêmico. Assim, pode-se afirmar que leitura e escrita, etapas fundamentais da produção do conhecimento, são indissociáveis da pesquisa científica.

De acordo com Pereira (2013, p. 216), “o que distingue a ciência das demais naturezas de saber é justamente a sua forma de escrita”, ancorada em uma linguagem própria para validar o conhecimento produzido. Esse tipo de linguagem científica estabelece uma série de regras, a exemplo do uso da clareza, objetividade e impessoalidade, para se alcançar certo rigor, neutralidade e universalização. No entanto, exige-se que essas outras vozes, que dão validade à pesquisa, sejam identificadas no texto, que se dê o devido crédito às fontes consultadas: “O texto deve convencer; as notas, as citações e as referências devem ‘provar’”, como salienta Grafton (1998, p. 25 apud Pereira, 2013, p. 218).

Nota-se, contudo, que proceder à citação e referenciação de autores e textos é algo incomum na produção textual de grande parte dos discentes do ensino fundamental ao ensino superior, porque está historicamente arraigada ao ensino brasileiro a prática da cópia de textos alheios, parcial ou total, sem a indicação das fontes. Essa ação é totalmente estigmatizada pela comunidade acadêmico-científica, uma vez que se configura como violação aos direitos autorais e à integridade da ciência.

A partir do exposto, evidencia-se a importância do desenvolvimento do letramento acadêmico, com especial atenção às competências escritas, sob um ponto de

vista sociointerativo.

CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO

O letramento é compreendido como o estado da competência de fazer uso do ato de ler e de escrever no contexto social, apesar de ainda não estar dicionarizado. Referências ao seu conceito surgiram primeiramente em 1986, com Mary Kato, posteriormente, em 1988, com Leda Verdiani Tfouni, e, após, em 1995, com Ângela Kleiman. Com base nesses estudos, Magda Soares foi a pioneira a tratar do letramento no Brasil. Para ela, a palavra surgiu pela necessidade de um novo conceito, como esclarece:

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e a escrever. (Soares, 2012, p. 45).

Anecleto e Miranda (2016) conceituam o processo dessa forma—Letramento:

Letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em diversas agências sociais, porque a escrita, na atualidade, faz parte da paisagem cotidiana. Assim, o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em diversas esferas de atividades e não somente nas que fazem parte da rotina escolar. Letramento, então, abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas de escrita nas sociedades, refletindo em outras mudanças sociais e tecnológicas. Dessa forma, uma importante contribuição dos estudos do letramento para a reflexão do ensino da língua é a ampliação do universo textual, ou seja, a inclusão de novos gêneros, novas práticas textuais, a partir da combinação de diferentes modos de representações (imagens, músicas, cores, linguagem oral, linguagem escrita etc.) que, até pouco tempo, não eram tão valorizadas nas salas de aula (Anecleto; Miranda, 2016, p. 68).

Considerando o meio sociocultural em que o indivíduo está inserido, sua capacidade de escrita pode variar entre escrever uma frase de duas linhas ou uma tese de doutorado, e sua capacidade de leitura pode variar entre decodificar palavras até ler uma obra complexa, o que resulta na constatação de que os níveis de letramento são diversos.

A UNESCO (1958, apud Soares, 2012, p. 71), ao tratar do letramento, faz referência aos indivíduos letrados: “É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana.” Diante

dessa concepção, pode-se considerar o termo letramento a partir da abrangência de uma leitura de mundo, situada em uma perspectiva sociocultural e que não restringe o indivíduo a si próprio? Possivelmente não, se o letramento for compreendido como uma capacidade que vai além de habilidades individuais, correspondendo a práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita, envolvendo a sociedade como um todo.

Para o desenvolvimento da capacidade de participação interativa e interdiscursiva na sociedade, a preparação de alunos letrados e, conseqüentemente, de indivíduos que façam uso da leitura e da escrita em diferentes contextos de forma analítico-reflexiva, é relevante que o processo de letramento seja instaurado desde a alfabetização, uma vez que se constitui em um processo discursivo, no qual a criança aprende a ouvir, a falar e a entender o outro pela leitura.

Conforme Antunes (2010, p. 63), a escola é o meio necessário para se perceber quais as competências que devem ser desenvolvidas, um espaço em que todos possam garantir sua qualidade de vida e sua efetiva participação na sociedade, considerando, essencialmente, as competências direcionadas a habilidades discursivas e interacionistas. O meio pelo qual se pode alcançar um nível de letramento que envolva tais habilidades e proporcione ao aluno o domínio dos mesmos é a apropriação dos gêneros do discurso em circulação.

LETRAMENTO NO MEIO ACADÊMICO

Com base na concepção dos letramentos autônomo e ideológico, de Street (2014), dos estudos de Kleiman (2012) e de Soares (2012), pode-se afirmar que a universidade é formada por diversas práticas sociais, nas quais professores e acadêmicos, sujeitos teoricamente letrados, revelam as relações que estabelecem com a escrita e abrem espaço para que novas relações sejam construídas a partir das necessidades de interação desse domínio. Em outras palavras, o letramento acadêmico pode ser visto como um processo de desenvolvimento de habilidades linguísticas e interação entre a escrita e o que se teve contato ao longo da escolaridade.

No meio acadêmico, muitos professores colocam em prática a resolução de problemas de ordem linguística e querer moldar os alunos a escreverem

universitariamente. Mas fazer parte do meio acadêmico é assumir uma postura padrão na comunicação verbal? Sabe-se que o objetivo principal da formação acadêmica é fazer correr entre os acadêmicos os mais variados gêneros textuais e, além disso, uma proposta que vise a trabalhar com uma pluralidade de saberes, tendo em vista o desenvolvimento da competência discursiva para que, com isso, possam integrar-se a outras instituições sociais, interagindo sociodiscursivamente com outros interlocutores, demonstrando habilidades de argumentar, posicionar-se, estabelecer relações, fazer inferências, construir sentidos, adequar-se às circunstâncias comunicativas e demonstrar autoria.

A maior dificuldade dos acadêmicos, hoje, em conformidade com Abreu-Tardelli, Louzada e Machado (2005), é que se defrontam com situações novas na universidade. Neste caso, o letramento, no percurso estudantil, representa um instrumento neutro, o inverso do modelo ideológico; os atos de ler e de escrever ficaram no autonomismo. O nível de leitura e escrita exigido pela universidade expõe os alunos a uma realidade até então desconhecida, uma esfera que não conseguem acompanhar devido à trajetória no Ensino Fundamental e no Médio ser considerada insuficiente, sem visar ao letramento. Para Baltar (2006, p. 180),

[...] um aluno de Direito, por exemplo, poderia ser exposto a um repertório de gêneros textuais diferente de um aluno de Engenharia, ou de Letras, Jornalismo, História, Medicina, etc. Nada impede, entretanto, que ele seja exposto a gêneros estritamente acadêmicos, como resenhas de livros da sua área, relatórios de pesquisa ou artigos científicos, sobretudo se seu projeto pessoal é antes o de Pós-Graduar-se em Direito. Nesse caso, o caminho natural para esse aluno é o de, mais dia menos dia, ter que escrever uma dissertação de mestrado ou de doutorado. É bom que ele conheça esses gêneros, leia periódicos da área, vá até a biblioteca e os manuseie, descubra como estão estruturados.

O que se pode deduzir do pressuposto acima é que, independentemente do que o acadêmico esteja cursando, há a necessidade de o mesmo expor-se a um número maior possível de gêneros do discurso, mas, também, nada impede que se engaje, com maior dedicação, a determinados gêneros devido às escolhas e interesses de cada acadêmico ao dar continuidade à vida acadêmica no âmbito profissional. Ribeiro (2014, p. 76) apresenta sua contribuição ao afirmar que os gêneros discursivos são indispensáveis ao se focar o letramento no meio acadêmico, uma vez que constituem:

[...] um “conteúdo” que é promissor para o entendimento das formas de comunicação e interação e, portanto, promotor da ampliação de conhecimentos linguísticos-culturais. No entanto, esse mesmo conteúdo pode ser veículo para operacionalizar práticas de letramento.

Quando se trata de trabalhar com gêneros textuais que fazem parte do universo acadêmico, a dificuldade garante produções insuficientes ao esperado no Ensino Superior. A problemática quanto às condições de produção de textos escritos, por exemplo, avaliadas por Marinho (2010), dizem respeito às concepções de linguagem e de gênero discursivo, subjacentes às práticas acadêmicas, aos conhecimentos e disposições dos alunos sobre a língua escrita e às estratégias ou procedimentos didáticos facilitadores da produção textual.

Portanto, o letramento é um paradigma complexo em se tratando de definição, pois concepções contrárias entre estudiosos impossibilitam a conformidade de um único conceito. Sob esse prisma, torna-se difícil avaliar, de forma precisa, os níveis de letramento. Hoje os meios mais utilizados para medir tais níveis são: por censo, o qual considera letrada a pessoa que diz saber ler e escrever um bilhete; por amostragem, correspondente a um questionário estruturado com perguntas sobre o uso diário da leitura e da escrita; ou por sistemas escolares, aplicados por meio de testes padronizados, provas, distante, muitas vezes, das habilidades do que o letramento prega quanto à habilidade de ler e escrever fora do contexto escolar.

A METODOLOGIA CIENTÍFICA E A SALA DE AULA COMO ESPAÇO INVESTIGATIVO

No ensino superior sala de aula mantém uma relação íntima e estreita com a iniciação científica. A partir dessa relação, o tempo e o espaço da sala de aula são para favorecer a aprendizagem e a produção de novos conhecimentos. Devido a esta natureza, que é tanto acadêmico-pedagógica quanto científica, a sala de aula é um dos mais poderosos espaços para se desafiar o poder e as verdades estabelecidas. Por esse viés, a sala de aula recebe uma nova configuração, deixando de ser aquele “lugar sagrado” para ser pensado como um “espaço humano” e de humanização, onde perguntar faz parte da ação de conhecer e aprender.

Colaço (2012), é essencial que os alunos possam se engajar em atividades

significativas, para que sejam trabalhados os letramentos necessários às atividades diversas das práticas sociais.

Com a nova configuração da sala de aula é praticamente impossível imaginar a ação educativa de um docente no ensino superior que não seja precedida por algum tipo de investigação. Nesse sentido, a sala de aula não pode ser e nem se constituir como um espaço exclusivamente para transmitir conhecimentos. Ao contrário, é um espaço aberto para se desenvolver a habilidade de elaborar perguntas e de fazer indagações. Vale ressaltar que a sala de aula apresenta-se como o lugar autêntico para a produção de conhecimento coletivo da aprendizagem e não somente para a transmissão de respostas dadas pelos professores. Moraes e Lima afirmam que,

[...] o questionamento reconstrutivo implica o aprender a aprender e não o aprender a copiar e reproduzir. Nesse sentido, requer leitura crítica, interpretação e reescrita crítica, em que existe a elaboração do texto próprio baseado em experiência própria. Durante esse processo o aluno deixa de ser objeto para se transformar em sujeito que trabalha em parceria com o professor, buscando reconstruir conhecimento e inovar a prática na sala de aula. (Moraes; Lima, 2004, p. 94).

A sala de aula é um espaço para a autonomia de aprender a perguntar, indagar e não para encontrar respostas prontas. Sendo assim, a sala de aula passa a ser vista e vivenciada como um espaço e tempo da aprendizagem, já que o movimento de aprender por meio da pesquisa inicia-se com o questionar. A sala de aula, nesta perspectiva, torna-se um local privilegiado para a iniciação científica, já que ela é um lugar de procura.

A Iniciação Científica tem a ver com a sala de aula, pois a relação é direta e estreita, pois neste importante espaço desenvolve-se a habilidade de transformar questões em processo de investigação. Portanto, a sala de aula é um lugar de despertar nos alunos atitudes de busca, investigação e o perguntar permanente.

Iniciação Científica é um tipo de pesquisa que constitui-se em um conjunto de ações que tendem a produzir um novo conhecimento e não simplesmente reprisar o que já sabemos sobre determinado objeto em um campo científico, não se limitando à repetição ou mera cópia, mas proporcionando à aquisição de novos conhecimentos, construindo e estabelecendo desdobramentos de ideias, conduzindo ao desenvolvimento do censo crítico-reflexivo. (Rodrigues; Lacerda, 2015).

Diante disso, um dos lugares privilegiados é a sala de aula, pois é neste importante espaço que os sujeitos da educação, professores e alunos, começam a pensar juntos e a

criar a cultura do livre pensar, da pesquisa e da crítica criativa. Dessa forma, a sala de aula constitui-se no principal lugar em que o professor trabalha para favorecer a autonomia intelectual do aluno.

Em se tratando do Ensino Superior, a sala de aula não é o único espaço para a Iniciação Científica. Contudo, é o local em que se muda, altera ou elimina aquela imagem de um mundo estranho, distante, restrito e impossível que é a Iniciação Científica e a pesquisa. Nesse sentido, a função precípua da sala de aula é aproximar sujeitos, criar possibilidades de troca entre eles e estabelecer semelhanças ou diferenças entre a cultura informalizada e “espontânea” do aluno e as linguagens acadêmicas e teorias científicas da cultura elaborada. A sala de aula é um espaço decisivo para a implantação e o desenvolvimento da atitude e da cultura da pesquisa, principalmente, se este espaço for utilizado para modificar a relação entre professor e aluno e o que se faz na sala de aula. Conforme Moraes e Lima (2004, p. 87),

[...] a pesquisa em sala de aula é uma das maneiras de envolver os sujeitos, alunos e professores, num processo de questionamento do discurso, das verdades implícitas e explícitas nas formações discursivas, propiciando a partir disso a construção de argumentos que levem a novas verdades.

A nova proposta de educação superior parte do pressuposto que professores e alunos estão juntos em novas descobertas, que ambos aprendem e pesquisam juntos, e que a aprendizagem é o foco da sala de aula. Segundo Moraes e Lima (2004, p. 92) para que algo possa ser aperfeiçoado, é preciso criticá-lo, questioná-lo, perceber seus defeitos e limitações. É isto que possibilita colocar em movimento a pesquisa em sala de aula. O questionar se aplica a tudo que constitui o ser, quer sejam conhecimentos, atitudes, valores, comportamentos e modo de agir.

A Iniciação Científica, em sala de aula, é lugar de encontro do conhecimento; de encontro intelectual, afetivo, comunicacional. Assim, a sala de aula, por mais que seja lugar de encontro para a aprendizagem e a busca do conhecimento, ela é um lugar onde não pode haver ausência de humanidade, de humanização e de sujeitos que estão em processo de aprendizagem e de maturação permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa demonstra que a disciplina Metodologia Científica propicia para o letramento acadêmico para discentes no contexto acadêmico, além de ser um processo de produção da leitura e da escrita no ensino superior, precisa ser compreendido também – tanto pelos alunos quanto por professores – como ação discursiva e social que permite a formação de novos saberes, a construção de identidades sociais e/ou a legitimação de poder de um grupo específico.

A leitura e a escrita são práticas complexas e ideológicas, pois, dependendo do contexto, ocorrem processos de reconfiguração, estruturas e modelos discursivos que são na maioria das vezes determinantes na legitimação de uma ideia ou defesa de opinião. Para maior compreensão e efetivação de atividades de letramentos acadêmicos com base nos dados obtidos, acreditamos que seja necessário maior empenho dos acadêmicos e docentes no desenvolvimento de novas atividades sobre a função social e científica da produção escrita.

Este estudo surgiu como um instrumento capaz de contribuir para a educação, a ciência e a sociedade como um todo, para despertar em todos os interessados sobre o assunto, incluindo desde a comunidade científica, acadêmicos, alunos, professores e pesquisadores da área da educação e demais outras, possam ampliar o seu conhecimento acerca da temática dita em destaque nesta obra.

Fica evidente que o letramento acadêmico/científico reflete-se pelo acesso aos fatos e aos conceitos científicos, bem como pela possibilidade de utilizar processos cognitivos próprios da prática acadêmica. Espera-se, portanto, que essa pesquisa não se limite aqui, mas que surjam novos estudos e pesquisas voltadas para fornecer informações e conhecimento essenciais e cerca da importância da Iniciação Científica para discentes no Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

ABREU-TARDELLI, L. S.; LOUSADA E.; MACHADO A. R. O resumo escolar: uma proposta de ensino de gênero. In: Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, PR, v. 8, n. 1, 2005. p. 89-101. Disponível em:. Acesso em: 24 jul. 2020.

ANECLETO, Úrsula Cunha; MIRANDA, Josimara Divino Oliveira. Multiletramentos e práticas de leitura, escrita e oralidade no ensino de Língua Portuguesa na educação básica.

Pontos de Interrogação, v. 6, n. 2, pp. 67-80, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/3295/2163>. Acesso em 25 jul. 2020.

ANTUNES, I. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BALTAR, M. A competência discursiva e gêneros textuais: uma proposta pedagógica para LPI. In: Trabalhos em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, v. 45, n2/2, 2006, p. 175-186. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639430/7024>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BUZATO, Marcelo. Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. In: RIBEIRO, Ana Elisa. (Org.). Linguagem, tecnologia e educação. São Paulo: Petrópolis, 2010.

COLAÇO, Silvana Faccin. Práticas pedagógicas de letramento: Uma visão Ideológica. In: Seminário De Pesquisa Em Educação Da Região Sul, 9., 2012, Caxias do Sul. Anais eletrônicos... Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: Acesso em: 29 maio 2020.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed., 7 impressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FERREIRA, Liliana Soares. A pesquisa e a escrita na Universidade: sistematizando uma prática pedagógica em aulas de metodologia da pesquisa e pesquisa em Educação. Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [32]:267-284, jan./abr.2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1735/1615>. Acesso em 26 jul. 2020.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nxs1n8x>. Acesso em: 25 jul. 2020.

KLEIMAN, A. B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social escrita. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2012.

MARINHO, M. Escrita nas práticas de letramento acadêmico. In: RBLA, Belo Belorizonte, v. 10, n. 2, 2010, 363-386. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3398/339829613005.pdf>. Acesso: 25 jul. 2020.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade: implicações para a universidade. Revista Ensino Superior, n. 14, jul./set. 2014. Acesso: 26 jul. 2020.

RIBEIRO, A. E. do A. Formação para o letramento: contextos, práticas e atores. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2014.

ROSALES, S. F. D.; VERGARA, J. R. A.; VELEZ, E. L. M.? Qué sentido tiene la naturaleza de la ciencia y la historia de la ciencia en la formación ciudadana y valórica de un ser planetário? In: GATICA, M. Q.; ROSALES, S. D.; CASTILLO, H. C. (Orgs.). Historia y Filosofía de la ciencia: aportes pra uma ‘nueva aula de ciencias’, promotora de cidadania y valores. Santiago do Chile: Bellaterra, 2014.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

STREET, B. V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2014. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/716>. Acesso em: 26 jul.2020.

ZAVALA, V.; CÓRDOVA, G. (org.). (2010). Decir y callar. Lenguaje, equidad y poder en la Universidad peruana. Lima: Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

Submissão: novembro de 2025. Aceite: dezembro de 2025. Publicação: março de 2026.